

XI

MONUMENTO AO MARECHAL DEODORO DA FONSECA

Manuel Deodoro da Fonseca nasceu em Alagoas, em 1827, e pertenceu a uma família que se notabilizou nas armas, sendo seus pais Manuel Mendes, militar brasileiro que serviu naquele Estado, na primeira metade do século XIX, onde comandava, em 1831, o 16.º Batalhão de Infantaria, e d. Rosa Maria Paulina da Fonseca. Vindo ainda muito jovem para a metrópole, Deodoro matriculou-se na Escola Militar do Rio de Janeiro, em 1843, completando o curso de artilharia em 1847. Já em 1849, encontrando-se em Pernambuco, onde irrompeu um movimento revolucionário, distinguiu-se no combate do Recife e no de barra de Natuba, sendo então promovido a segundo tenente. Capitão em 1852, foi comandante da Escola Militar em 1853, partindo logo no ano seguinte, em serviço, para a província de Mato Grosso, de onde regressou em 1862. Em 1864, toma parte nas operações do Uruguai, como major. Destacou-se na guerra do Paraguai, sendo-lhe concedido, em 1868, atendendo à sua bravura em batalha, o posto de coronel, depois de ter sido ferido em Angustura e Itororó, naquele mesmo ano. Terminada a guerra, encarregaram-no de comandar o 1.º Batalhão de Artilharia a Pé (1870). Foi brigadeiro, em 1874, e marechal de campo em 1884. Era governador do Rio Grande do Sul quando ocorreu, na vigência do Ministério Cotegeipe, a agitação em favor dos direitos políticos dos oficiais — prelúdio da revolução de 1889. Exonerado do seu cargo em virtude da atitude que assumiu, assinando com o visconde de Pelotas o manifesto de 14 de maio de 1887, firmou, entretanto, grande popularidade no seio do Exército. Estava na frente de Mato Grosso, quando se deu a crise ministerial de junho de 1889. Chamado ao Rio de Janeiro, tomou, a 15 de novembro, a direção do movimento insurrecional de que resultou a proclamação da República. Generalíssimo, em 1890, foi chefe do Governo Provisório, sendo eleito presidente efetivo em 25 de fevereiro de 1890. Nove meses de-

pois, ante a situação política do momento, dissolveu o Congresso e, como esta tentativa de golpe de Estado malograsse, demitiu-se de suas elevadas funções, passando desde então a viver num isolamento voluntário. O primeiro presidente da República Brasileira morreu, nesta capital, no ano de 1892.

Renunciando à suprema investidura de presidente da República, o marechal Deodoro dirigiu, em 23 de novembro de 1891, o seguinte manifesto à Nação:

— "Brasileiros ! Ao sol de 15 de novembro, dei-vos, com meus companheiros de armas, uma Pátria livre, e descortinei-lhe novos e grandiosos horizontes, dignificando-a e engrandecendo-a aos olhos dos povos de todo o mundo. Este acontecimento de elevadíssimo quillate patriótico, aplaudido pela Nação, fazendo-a entrar em nova fase na altura dos seus destinos históricos, é para mim, e será sempre, motivo do mais nobre e justo orgulho. Circunstâncias extraordinárias, para as quais não concorri, perante Deus o declaro, encaminharam os fatos a uma situação excepcional e não prevista. Julguei conjurar tão intensa crise, pela dissolução do Congresso, medida que muito me custou a tomar, mas de cuja responsabilidade não me eximo. Pensei encarregar a governação do Estado por via segura, no sentido de salvar tão anômala situação. As condições em que, nestes últimos dias, porém, se acha o país, a ingratidão daqueles por quem mais me sacrifiquei, e o desejo de não deixar atear-se a guerra civil em minha cara Pátria, aconselham-me a renunciar o poder nas mãos do funcionário a quem incumbe substituir-me. E, fazendo-o, despeço-me dos meus bons companheiros, que sempre se me conservaram fiéis e dedicados, e dirijo meus votos ao Todo Poderoso pela perpétua prosperidade e sempre crescente florescimento do meu amado Brasil. — Manuel Deodoro da Fonseca."

Com a presença do presidente da República, ministros de Estado, autoridades civis e militares, teve lugar no dia 15 de novembro de 1937, às 10 horas da manhã, na Praça Paris, a solenidade da inauguração do bronze consagrado ao marechal Manuel Deodoro da Fonseca, mandado erigir pelo Governo da União, naquele logradouro. A população afluía em massa ao local onde se realizava a cerimônia. A guarda do monumento, que, desde as primeiras horas da manhã, estava artisticamente ornamentado com tufos de flores naturais, foi confiada a um contingente da Polícia Especial, até que, por volta das 9 horas, foi substituída por uma guarda de honra de alunos da Escola Militar. Grandes bandeiras verdes e amarelas cobriam inteiramente as quatro faces do pedestal.

Para as continências, formaram: o Regimento dos Fuzileiros Navais, a Polícia Militar, a banda do Corpo de Bombeiros, todos em uniforme branco; o 1.º Regimento de Cavalaria Divisionário, em seu

vistoso uniforme de Dragões da Independência, e as escolas Militar e Naval, também em seus uniformes de gala. O Regimento de Fuzileiros Navais ficou disposto à direita da estátua, frente para o Palácio Monroe, enquanto a Escola Militar estacionava em frente ao palanque presidencial e a Polícia Militar, atrás da linha formada pelo Batalhão de Guardas e os Dragões da Independência. Formaram, assim, 10.000 homens, sob o comando do general Silva Júnior, comandante da Segunda Brigada de Infantaria. Desfilaram, também, numerosos alunos das escolas públicas e particulares.

No palanque presidencial, além do sr. Getúlio Vargas e suas Casas Civil e Militar, e ministros de Estado, encontravam-se também o cardeal D. Sebastião Leme, que se fazia acompanhar do Nuncio Apostólico, monsenhor Aloisi Masella, os generais Góis Monteiro, Almério de Moura, Raimundo Barbosa, Newton Cavalcanti, representantes do Corpo Diplomático e membros das missões militares.

Logo após a chegada do chefe do Governo, teve início a solenidade. Um grupo de 22 jovens, representando os Estados da União, o Distrito Federal e o Território do Acre, descerrou as bandeiras que cobriam as quatro faces da estátua, enquanto as bandas de música executavam o Hino Nacional. Usou da palavra, nessa ocasião, o sr. Ildefonso Simões Lopes, diretor do Banco do Brasil e presidente da Comissão do Monumento, que rememorou os acontecimentos históricos que culminaram com a Proclamação e acenuou o patriotismo de Deodoro. Falaram ainda o marechal Ilha Moreira, vice-presidente da comissão; Leôncio Correia, Mário Hermes da Fonseca, este agradecendo a homenagem em nome da família Deodoro, e o sr. Silveira Lobo, que disse palavras de exaltação patriótica. Encerrando a solenidade, quando já eram 12 horas, o sr. Getúlio Vargas pronunciou breve discurso. A seguir, as forças desfilaram em continência. Uma esquadilha de aviões do Exército fez evoluções sobre o local.

* * *

O majestoso trabalho de autoria do escultor Modestino Kanto, tem as seguintes características: a escadaria tem a altura de 10 metros e 10 centímetros, sendo de 23 metros a altura total do monumento. Todo ele pesa 850 toneladas e a sua base é de granito de Petrópolis. Em seu conjunto, apresenta, ao alto, o fundador da República, a cavalo, em atitude de comando das tropas na manhã de 15 de novembro de 1889. A direita, vultos da época da Proclamação: o major Solon, o tenente-coronel João Teles, o coronel Marciano de Magalhães, o general Almeida Barreto e os marechais Câmara e Floriano Peixoto; a esquerda, a mocidade da antiga Escola Militar, conduzida por Benjamin Constant. Na frente do embasamento, destaca-se a imagem da República, simbolizada por uma mulher. Na face posterior, representando a Marinha de Guerra, as figuras de Wandenkolk, de Alexandrino, de Lorena e outros. Os jornalistas e os republicanos históricos também não foram esquecidos, pois figuram no monumento Quintino Bocaiuva, Saldanha Marinho, Júlio de Castilhos, Aristides Lobo, João Pinheiro e Prudente de Moraes.

Em outra face aparece a figura de d. Rosa Paulina da Fonseca, mãe de Deodoro. Outro detalhe interessante da estátua é o Altar da Pátria, formado por um anel em que se vêem retratos de Rui Barbosa, Campos Sales, Lauro Muller, capitão Pedro Paulino, Silva Jardim, Glicério, Cesário Alvim, Lopes Trovão, padre João Manuel, Martins Júnior, Clodoaldo da Fonseca, Vespasiano, Mallet, Mena Barreto e Sampaio Ferraz.

Uma característica da obra, muito interessante e que deve servir como padrão clássico para os monumentos equestres, é que o motivo dominante está armado na diagonal da escadaria. Desta forma, a figura do fundador da República é sempre visível nas suas mais belas linhas, em qualquer ponto, em qualquer ângulo da praça, sem prejuízo da sua imponência escultórica.